

# ARQUIVO 5

# Sísifo, competência e ética

José Carlos de Almeida Cunha, ms\*

ra uma vez...

Na mitologia grega, Sísifo antes de morrer convenceu sua esposa, Anticíea, que seu corpo não devia ser sepultado. Ao chegar aos infernos, queixou-se a Plutão, deus da morada dos mortos, que sua mulher não o havia enterrado. Com o argumento, Sísifo conseguiu a permissão para voltar à vida. Mas a condição era a de retorno em pouco tempo. Plutão se sentiu ludibriado e ordenou a Mercúrio que o trouxesse de volta, de qualquer forma, aos infernos. Ao chegar ali, determinou Sísifo para levar uma grande pedra até o topo de um penhasco para atira-la do outro lado: esta seria a sua condição para a paz eterna. Mas, quando ele conseguiu chegar lá em cima, a pedra lhe escorregou das mãos e voltou ao pé da montanha. Para conseguir sua salvação, ele tem que voltar ao início da tarefa, assumir de novo todos os pesos e refazer seus esforços para cumprir seu objetivo: e continua assim, até hoje<sup>1</sup>.

Sísifo pode ser bem a representação de quem, “na rotina do professor que se repete por anos a fio, os mesmos assuntos, respondendo as mesmas perguntas, inteligentes e não inteligentes, vencer a montanha de provas e de trabalhos para corrigir” procura alcançar a sua meta.<sup>2</sup>

A repetição o põe de frente a um novo desafio, e este é sempre renovado, juntamente com o assalto de novas exigências que mostram novas cores, novas caras. E, assim animado por suas experiências anteriores, levanta-se e se promete cumprir sua condição, esquece que sua tarefa não se encerra, mas, nela, se renova como estimulante desafio.

Pergunta-se: como será a nova turma? A resposta só pode ser conhecida pela convivência, pelo aplicar-se ao ensino com a competência e, pela repetição, poder ser levado a um ponto mais elevado do conhecimento.

\* Mestre em Engenharia da Produção, pela UFSC, Professor de Administração da Produção, Presidente do Instituto Mineiro de Grafologia

<sup>1</sup> HUMBERTO, J. MITOLOGIA GREGA Y ROMANA. Barcelona, Gilli, 1962.

<sup>2</sup> SAYANI, C. JUNG E A EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO. Escrituras, Premio APCA 1999.

“Falar em competência significa falar em saber fazer bem”<sup>3</sup>. A competência, em realidade, está no cerne da questão pedagógica “Competência = saber fazer bem”<sup>4</sup>.

Para entender a competência separam-se as partes da equação – saber, saber bem, fazer e fazer bem.

Segundo Rios, o **saber** é uma dimensão técnica, identifica o conteúdo do que o professor aprendeu para ser o que é. **Saber bem** amplia essa dimensão para além do aprendizado e reflete a capacidade de prever-se e antever, reconhecendo as conseqüências do saber.

Na seqüência, considere-se o **fazer** e o **fazer bem**. Rios examina o fazer a partir do domínio dos recursos – dimensão técnica – com a objetividade em relação ao que é desejável para a sustentação dos valores atribuídos pela sociedade que reconhece que a atuação é necessária – dimensão política - .

Uma grande e grave confusão, infelizmente, atinge um campo muito além da consideração semântica do **fazer bem**. Isto, para muitos perpetua a interpretação romântica e pouco eficiente do **fazer – o – bem**.

Por outro lado, para entender a afirmação de FREIRE, de que “Ensinar exige querer bem aos educandos” (2001:59), devemos ter a atenção orientada para os objetivos da educação, que é, também, o preparo dos alunos para o ambiente livre, agressivo, combativo e concorrente que os alunos deverão enfrentar e com que deverão conviver.

Também não podemos nos deixar levar por um pensamento maniqueísta, ou seja, procurar um modo de conviver bem com os alunos signifique deixar de lado a disciplina e a exigência dos resultados adequados ao mundo escolar.

## Conclusões:

A competência tem como uma de suas dimensões a ética (Rios:2000) **do saber fazer bem**.

<sup>3</sup> RIOS, Terezinha A ÉTICA E COMPETÊNCIA.SP, Cortez, 2001.

<sup>4</sup> idem, *ibidem*

É inalienável o conceito da ação responsável engendrada pela liberdade que se manifesta como expressão individual adequada com a moral da convivência disciplinada do respeito aos demais e por uma conduta que permita o bem estar.

Faz parte da ação do professor a exigência dos exercícios repetidos, da leitura e da redação de textos que comprovem a absorção das idéias que estruturam o conhecimento adquirido. Sem a demonstração externada na resposta dos alunos, um professor não tem como saber que idéias estão contidas no pensamento dos alunos.

A competência é uma essência da ética, no exercício do magistério.

José Carlos de Almeida Cunha

Belo Horizonte, 31 de janeiro de 2002

jcacunha@ig.com.br

Tel fax.(31) 3287 6228